



Por que não vemos pombinhos bebês

E outras coisas que aprendi quando Don Guano e Medea fizeram ninho em minha janela.

JOHN TIERNEY

QUANDO ME mudei para Nova York e descobri que entre meus novos vizinhos se encontrava uma colônia de pombos, minha primeira reação foi pensar: «É preciso exterminar essa praga!» Sentia-me desconfortável com seus chamamen-

tos pela companheira todas as manhãs e concordava com minha mulher, Dana, quando ela os acusava de não passarem de roedores que invadiam a cidade. Atacava-os à vassourada e com uma pistola de água. Era-me difícil acreditar que o símbolo tradicional da paz, uma pomba com um ramo de oliveira no bico, era de fato a representação de um pombo branco.

No fim de dezembro passado, após escorraçar uma pomba cinzenta de choco no beiral da janela de nosso banheiro, encontrei um ninho com um ovo dentro. «Chegou a

hora da vingança!», gritei com voz de triunfo para Dana, erguendo o ovo como se fosse um troféu. «Es-mago isso já ou fazemos uma omelete com ele?»

Mas ela, estarecida, olhava para a janela atrás de mim: a mãe-pomba regressara ao ninho e suas asas batiam agora contra o vidro da janela.

«Põe já isso lá de volta!», gritou ela para mim com a mesma expressão que seria certamente a da mãe-pomba.

«Como pode um ser humano racional querer salvar um bebê de pombo?», perguntei, ao colocar o ovo de novo no ninho.

Foi então que me ocorreu: ali estava uma oportunidade de desvendar o eterno mistério que intrigara inúmeras gerações de habitantes das cidades: por que nunca vemos um pombinho bebê? Os outros que vasculhassem Loch Ness em busca de seu monstro, ou escalassem o Himalaia em busca do leopardo das neves. Eu entraria para a história como o primeiro ser humano a ver um pombo bebê sem ser em cativeiro.

A pomba manteve-se empoleirada do lado de fora da janela do banheiro durante uma semana, até que, certa manhã, encontrei o ninho vazio: nem mãe, nem bebê, nem o ovo sequer. Pouco tempo depois, aparecia outro ninho, com dois ovos, que também viriam a desaparecer.

Comecei a fazer um diário e batizei a pomba cinzenta com o nome de Medea. A seu companheiro, branco com pintas pretas, chamei Don Guano. A 12 de março, dei

com ele se pavoneando, seguindo Medea em círculos, em torno do beiral da janela da sala. Por fim, ele acabou por montá-la durante um ou dois segundos, batendo as asas (para manter o equilíbrio, suponho eu, a não ser que fosse sinal de felicidade). Mais para o fim da tarde, ele aparecia à janela do banheiro de tantos em tantos minutos, com um raminho ou uma colher de café de plástico vermelho no bico, que acrescentava ao amontoado confuso em torno do qual Medea se atrefava.

Dois dias depois, apareceu um ovo, seguindo-se logo a seguir mais outro, e o casal de pombos embrenhou-se na rotina doméstica: desde o fim da manhã até o final da tarde, ele chocava os ovos, enquanto ela desaparecia. Depois, era ela que ficava no choco, enquanto ele trazia galhinhos destinados a melhoramentos no lar.

Após dez dias chocando, Don Guano e Medea abandonaram repentinamente o ninho. No dia seguinte, tinham desaparecido sem deixar rastro.

Intrigado, falei com Margaret Barker, do Laboratório de Ornitologia de Cornell. Segundo ela, as crias saem normalmente da casca após 18 dias de choco. Mas, às vezes, os pais se assustam e abandonam o ninho. Outras vezes, os ovos não chocam, por eles terem uma dieta adequada, não produzindo ovos suficientemente resistentes.

Perguntei-lhe também por que nunca vemos os pombos bebês. A

resposta dela foi que eles permanecem no ninho durante o primeiro mês, crescendo tão rapidamente que atingem um tamanho próximo do adulto quando saem dele.

Quando Medea voltou, dei-lhe uma taça de cereais reforçados com um suplemento de cálcio em pó, e me flagrei preocupado com minha reação a tudo aquilo. Estaria me tornando numa daquelas pessoas que vão para os bancos de jardim dar comida aos pombos?

Pouco depois, Medea, com seu reforço de cálcio, punha mais dois ovos, e desta vez o choco prosseguiu sem sobressaltos ao longo dos 18 dias. No dia 21 de abril, uma sexta-feira, estávamos prontos para fazer história. Apetrechado com um par de binóculos novos e um exemplar do *The Pigeon*, de Wendell Mitchell Levi (o qual estudei com o cuidado que outros pais em vésperas de ter um filho dedicavam ao Dr. Spock), pus-me à espera. Aprendera coisas fascinantes sobre os pombos.

«Em toda parte onde a civilização floresceu, os pombos também o fizeram», escreveu Levi. Encontramos exemplares dessa espécie em todos os continentes, exceto na Antártida, estendendo-se seu habitat natural desde o Alasca até as ilhas equatoriais. Estes pássaros foram venerados como símbolo da fertilidade na antiga Mesopotâmia e esculpidos nas sepulturas egípcias. Transportaram mensagens para o rei Salomão; auxiliaram Júlio César na conquista da Gália e ganharam dúzias de medalhas por serviços prestados em

combate durante a Segunda Guerra Mundial.

Conseguem voar a uma velocidade máxima de cerca de 110 km por hora e encontrar o caminho de regresso a casa a mais de 1600 km de distância. Sua referência principal parece ser a posição do Sol, junto com seu relógio biológico. E conseguem voar até mesmo por cima de extensões compactas de nuvens, orientando-se então pelo campo magnético da Terra. Conseguem ouvir ultra-sons e também cheirar (um pombo que volta para casa pode ficar desorientado se a direção de determinado odor ficar alterada). Há pombos citadinos que viajam quase 50 km num dia até os campos e silos de cereais fora das cidades, às quais regressam depois para chocar.

Comparados com o ser humano, eles vêem o mundo com binóculos possantes: seus olhos são mais sensíveis à cor (conseguem ver raios ultravioleta) e sua visão periférica também é melhor que a nossa.

É imerecida sua reputação de animais sujos e vetores de patologias. Embora possam surgir doenças a partir do guano dos pombos (tal como do excremento de outros animais), eles não causam mais males que os animais que se têm em casa. Os pombos têm orgulho de sua aparência, chegando até a se limparem sozinhos ou uns aos outros.

São sociais, vivendo em colônias para melhor se protegerem dos predadores. Os poetas desde há muito que elogiam a devoção para toda a vida dos pombos para com seu par.



Tennyson relacionou suas penas de várias cores com o romance e o renascimento em sua famosa rima:

Na primavera, uma íris mais viva aparece nos pombos lustrosos;

Na primavera, a fantasia de um jovem transforma-se com doçura em pensamentos amorosos.

Citei aqueles versos para o casal de pombos enquanto esperávamos, naquela sexta-feira crucial. Mas quando chegou a noite, e também no dia seguinte, os ovos mantinham-se inteiros. Receei o pior: Don Guano estava me pregando uma peça. Na tarde seguinte, porém, quando o observei se instalar para seu turno de choco, vi um pedacinho de pêlo dourado que se movia por baixo dele. Era uma criatura peluda e pequena, deitada sobre um amontoado de pedaços da casca que acabara de partir. Don Guano curvou-se solicitamente, tomando o pequeno bico do filho no seu durante alguns segundos e libertando-o depois. O pequenino baixou-se a seguir, desaparecendo sob a asa do pai. «Milagre dos milagres!», escrevi em meu

diário. «Sim, Nova York, o pombo bebê existe.»

Batizamo-lo de Squabby (Borracho), embora não houvesse forma de descobrirmos qual o seu sexo. Ao longo do dia, observamos Don Guano trabalhar os músculos de seu pescoço, vertendo «leite dos pombos» de sua garganta para o bico de Squabby. Desencadeado pela prolactina, o mesmo hormônio que estimula a produção de leite no ser humano, esse fluido acinzentado é produzido no papo de ambos os genitores, constituindo o único exemplo de vertebrado masculino produzir em seu corpo alimentos para os filhos.

Don Guano e Medea pareceram modelos de devoção até o terceiro dia, quando encontrei Squabby a 30 cm do ninho, incapaz de se mover do local para onde um de seus pais o mandara. Don Guano chocava o ovo que sobrara, demonstrando uma característica a que Levi chama, muito sensatamente, «a maior falha na inteligência do pombo»: seu esquecimento de tudo o



que se encontra fora do ninho. Acabei pegando o Squabby pela barriguinha rosa e macia e colocando-o eu próprio de novo no ninho.

Mas, na quarta-feira pela manhã, dia 26 de abril, ao voltar à janela, deparei-me com algo de arrepiante: *Squabby tinha desaparecido!* O ninho se encontrava praticamente vazio, vendo-se apenas o outro ovo. Don Guano voava em *loopings*, sem rumo definido, com um galhinho no bico. Seria uma forma de exteriorizar sua mágoa? Ou de penitência? Ou apenas mais um acesso de comportamento neurótico da parte de um pai incompetente? Quanto a mim, apenas sabia que o Squabby jamais poderia ter deixado aquele ninho sozinho.

Don Guano e Medea pareceram recuperar-se da perda com bastante rapidez, mas eu não. Perguntei ao ornitólogo Richard Johnston sua opinião, e ele me respondeu que talvez, ao sair do ninho, um dos genitores tivesse ficado com uma asa ou uma pata da cria presa nas penas, arrastando-a para uma queda. Mas

também era possível que algum corvo ou outro predador tivesse posto o pássaro adulto em fuga, acabando tudo numa questão de três segundos e um mergulho sobre a presa.

Johnston só garantia uma coisa: «Você parece estar viciado em pombos.» É acho que tinha razão: nunca ligara grande coisa aos ambientalistas, nem às espécies em vias de extinção que eles tentavam salvar. Por que, então, essa de pombo?

A resposta à questão só surgiria quando visitei o pássaro mais vistoso de Nova York, o falcão peregrino, 57 andares acima do centro da cidade. Observei os pesquisadores do departamento de Proteção Ambiental da cidade inspecionando uma cria dessa espécie com três semanas e meia de idade, mais um triunfo no esforço de incitamento ao regresso dessa espécie ameaçada aos céus da cidade.

Não restavam dúvidas quanto à força desses animais, principalmente depois de ver as penas de *pombo* existentes naquele ninho (vestígios das vítimas capturadas lá mais em-

baixo, que serviam de alimento à cria). Mas, ao contemplar os falcões, meu único pensamento foi: «Seus inúteis! Não estariam aqui se não fôssemos nós! Gastamos milhões de dólares; acabamos com o DDT que prejudicava seus sistemas delicados; construímos para vocês caixas para servirem de ninho; estragamos seus filhotes com mimos — e tudo isso só para produzir duas dúzias de pássaros em Nova York. Uma colônia de pombos conseguiu a mesma coisa na minha janela sem ajuda.»

Estes pombos, uma espécie que se desenvolveu originariamente nas encostas das regiões selvagens da Ásia central, adaptara-se aos espaços entre os prédios de Nova York, sem que fosse necessário gastar-se um tostão de dinheiro das fundações ou fundos governamentais.

Muita gente pode aspirar a uma identificação com o falcão: um predador impenitente, que vive isolado e é recompensado com um panorama de apartamento de cobertura de seus domínios. Mas esse animal não encerra em si o grande segredo do sucesso evolutivo, pelo menos naquilo que se refere ao ser humano.

Contrariamente aos estereótipos antigos, nossa espécie não prevaleceu sobre as outras por ser composta por caçadores solitários, corajosos e astuciosos. Em vez disso, utilizamos nosso cérebro para sermos cooperativos e oportunistas sem escrúpulos, capazes de nos adaptarmos a qualquer nicho que pudéssemos ocupar.

Migramos em torno do mundo, formamos novas colônias, colaboramos com nossos vizinhos, mantivemo-nos ao lado de nossos companheiros, encontramos abrigo em fendas escondidas e procuramos os restos deixados por outros animais — tal como Don Guano, Medea e seus companheiros de comunidade. Podemos invejar a rapidez e a rapacidade do falcão, mas acabamos por ser muito mais resistentes que ele, razão pela qual não deveríamos prestar grande atenção aos ambientalistas quando estes apontam para uma espécie em perigo e avisam que o ser humano pode ser a próxima. Podemos poluir o meio ambiente, digladiar-nos e aglomerar-nos em buracos escuros e sem vista, mas pelo menos somos sobreviventes. Felizmente somos pombos.

© 1995 DE JOHN TIERNEY, «NEW YORK TIMES MAGAZINE» (23 DE JULHO DE 1995), NOVA YORK, COM ADIÇÕES DO AUTOR. FOTOS: PÁGINA 83, © DE DAVID DELOSSY/IMAGE BANK; PÁGINAS 86 E 87, © DE MARTYN CHILLMAIO/ANIMALS ANIMALS

Receita explosiva

POUCO depois de se ouvir uma explosão ensurdecidora nas traseiras da farmácia, aparece o farmacêutico, com a bata rasgada e a cara enfaruscada.

— Tome — diz para o cliente que está à espera. — Devolva esta receita ao seu médico e peça a ele para escrever à máquina.

— *Almanaque 18, Santiago*